

Turismo de Experiência e artesanato: um estudo sobre a produção artesanal em Capela Nova - MG

DOI: 10.2436/20.8070.01.164

André Luís Martin de Araújo

Mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário Una, Brasil.
Professor e coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Brasil.

E-mail: andre.martin@ifsudestemg.edu.br

Robson de Santana Silva

Tecnólogo em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Brasil.

E-mail: robsonsantana.mg@outlook.com

Renata Silva Santos Camargo

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora- MG, Brasil.
Professora do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Brasil.

E-mail: renata.camargo@ifsudestemg.edu.br

Resumo

O presente artigo teve como objetivo identificar as possibilidades e limitações existentes em torno da produção artesanal existente no município de Capela Nova – MG, a partir da análise do artesanato local enquanto possível recurso turístico capaz de agregar valor à oferta regional. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e entrevistas estruturadas. Dada a importância do assunto e com base no número de artesãs que deixaram de produzir seus trabalhos artesanais, realizou-se também entrevistas com as ex-artesãs e com um fornecedor local de matéria prima. Dentre os achados, identificaram-se as oportunidades em torno da produção artesanal de tear, única na região do Circuito Turístico de Villas e Fazendas de Minas, bem como a receptividade das artesãs em futuramente oferecer o turismo de experiência, uma vez que estas reconhecem no mesmo uma possibilidade de aumento de suas vendas e continuidade de suas atividades. Entre as limitações, foram identificados o baixo nível de renda e a baixa escolaridade das artesãs, o que sugere a necessidade de maior apoio

do poder público municipal para o desenvolvimento do turismo.

Palavras-chave: Turismo de experiência. Regionalização do Turismo. Artesanato – Renda

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos vem se observando o crescimento do número de turistas que buscam o turismo de experiência. Netto e Gaeta (2010) consideram este como uma nova modalidade de se fazer turismo, envolvendo o turista no destino visitado, tornando-o protagonista de sua própria viagem. A oferta de produtos que proporcionem sensações ímpares que vão além das práticas tradicionais e passivas do turismo de massa, não só representa um contraponto a este, mas também uma oportunidade ímpar para municípios de pequeno porte que têm seu produto turístico ainda por formatar.

O município de Capela Nova - MG pertence à microrregião de Barbacena, mesorregião de Campo das Vertentes e localiza-se a 160 km da capital do estado, Belo Horizonte. Possui uma economia voltada para atividades agropastoris e serviços instalados na sede do município (FONSECA, 2012). Suas divisas limítrofes ocorrem com as cidades de Alto Rio Doce, Caranaíba, Carandaí, Rio Espera e Senhora dos Remédios e seu principal acesso terrestre é via MG – 275 e sua extensão territorial é de aproximadamente 110, 8 km² (CAPELA NOVA, 2012 apud FONSECA, 2012).

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), o município possui 4.755 habitantes com uma densidade demográfica de 42,81 hab./km², seu Produto Interno Bruto per capita em 2015 era de R\$ 8.859,20 e o salário médio mensal dos trabalhadores formais em 2016 era de 1,6 salários mínimos, em um total de 8,7 % da população ocupada. Ainda de acordo com o mesmo, 44,9% dos domicílios possuíam renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa e o Índice de Desenvolvimento Humano do município era de 0,648 em 2010 (BRASIL, 2017).

A atividade artesanal está presente na sede do município e em comunidades rurais, destacando-se, entre estas, a comunidade rural de Palmeiras onde a prática possui caráter familiar, existindo diversas residências envolvidas com o ofício. Através de conversas informais realizadas na referida comunidade, identificou-se que a prática de tecer é quase que exclusivamente desenvolvida por mulheres que contribuem no sustento do lar, possuindo em sua grande maioria o ensino médio incompleto e com uma renda familiar de até meio salário mínimo; conforme evidenciado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural do município (CAPELA NOVA, 2015).

O município de Capela Nova – MG, encontra-se associado ao Circuito Turístico Villas e Fazendas de Minas, estando apto a participar do Programa de Regionalização do Turismo. Entretanto, destaca-se que a simples inserção de Capela Nova ao referido circuito não é o suficiente para a promoção do turismo, uma vez que é de

responsabilidade dos gestores municipais conhecerem suas realidades locais e assim alinhá-las às políticas de regionalização do turismo.

Desta forma, este trabalho teve como objetivo identificar as possibilidades e limitações existentes acerca da produção artesanal do município de Capela Nova – MG como possível atrativo relevante para o turismo de experiência, buscando-se identificar como este poderia agregar valor ao produto turístico regional. Para tanto, buscando-se atingir o que se propôs, delimitou-se os seguintes objetivos específicos: localizar geograficamente o máximo de artesãos possíveis; compreender a realidade social dos artesãos, de modo a verificar qual a importância da produção artesanal para a vida destes; identificar os tipos de artesanatos elaborados bem como outros produtos e serviços que possam ser incorporados à oferta turística, de modo a caracterizar quais produtos fornecidos pelos mesmos podem agregar valor ao produto turístico regional; e, por fim, identificar a receptividade pela implantação do turismo de experiência no cotidiano das artesãs à inserção da atividade turística.

De acordo com Pezzi e Vianna (2010) o setor de turismo no Brasil se apropriou do termo “turismo de experiência” a partir do lançamento do projeto Economia da Experiência, pelo Ministério do Turismo (MTUR) onde busca-se “[...] fazer com que o turista se sinta especial, e não apenas ‘mais um’, dentro de um grande grupo que se desloca guiado por rigorosas relações de comando que diluem a possibilidade de qualquer envolvimento afetivo com o destino” (BRASIL, 2010, p. 7 apud PEZZI & VIANA, 2010, p. 174).

De acordo com Netto e Gaeta (2010), o desenvolvimento do projeto Economia de Experiência pelo MTUR indica que a experiência, através do turismo, passou a fazer parte das políticas públicas desta área. Nesse sentido, os autores citam exemplos de turismo de experiência como as viagens de voluntariado, práticas de esportes radicais ou mesmo as vivências envolvendo populações locais, tais como indígenas, camponeses, caiçaras, seringueiros, entre outros.

Em municípios como Capela Nova - MG, o turismo de experiência torna-se uma proposta adequada uma vez que permite a inserção de tal atividade de forma harmônica ao modo de vida da população receptora, potencializa o aproveitamento dos recursos turísticos disponíveis e pode proporcionar ao turista a vivência de uma experiência relacionada com a vivência junto à comunidade local associada à produção do artesanato.

Desta forma, nesta pesquisa encontram-se resultados tais como a rica produção artesanal local, descrita a seguir, o interesse das artesãs pelo turismo, o reconhecimento deste pelas mesmas como meio para ampliarem suas rendas e a existência de elementos gastronômicos locais relevantes. Observou-se também que uma ação do poder público municipal, do Circuito Villas e Fazendas de Minas e das artesãs poderá resultar no desenvolvimento de um produto turístico baseado no artesanato e na gastronomia nos moldes do turismo de experiência integrado aos outros roteiros e atrativos do referido Circuito.

2. REGIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TURISMO

A atividade turística desempenha um papel preponderante para o desenvolvimento de uma comunidade e seu entorno, uma vez que, de acordo com Acerenza (2002), o deslocamento realizado pelo turista desde sua residência até o destino final promove um dispêndio econômico entre diferentes setores do turismo, beneficiando distintos atores sociais, antes e durante a consumação de uma viagem. Essa situação reflete a mesma abordagem por Ignarra (2003) que reafirma que o turismo possui “enorme importância no desenvolvimento socioeconômico e grande poder de redistribuição espacial de renda” (IGNARRA, 2003, p. 78).

Neste contexto, o Programa de Regionalização do Turismo (PRT) do MTUR, se apresenta como uma política pública de grande importância para o desenvolvimento do turismo brasileiro ao propor um olhar além das fronteiras municipais, concebendo toda a região e, não somente um único município, “[...] para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização integrada e compartilhada” (BRASIL, 2007, p. 12).

Ainda de acordo com o MTUR, nem todos os municípios de uma determinada região possuem um potencial turístico relevante, mas podem agregar valor ao processo de promoção do turismo regional por meio de outras atividades econômicas capazes de atender às necessidades dos turistas e assim se inserir neste como uma unidade de apoio às cidades vizinhas (BRASIL, 2007).

Dreher e Salini (2008) ainda enfatizam que a regionalização permite uma maior atratividade e permanência dos turistas, sendo comum que “os produtos turísticos regionais distribuam a sua oferta por várias cidades, disponibilizando os atrativos em uma cidade e a hospedagem, alimentação, e demais serviços, em outra” (DREHER; SALINI, 2008, p. 3).

De acordo com Brasil (2011) a produção associada ao turismo (PAT) compreende “qualquer produção artesanal, industrial ou agropecuária que detenha atributos naturais e/ou culturais de uma determinada localidade ou região, capazes de agregar valor ao produto turístico”. Através deste conceito é possível constatar que produtos agropecuários, assim como o artesanato produzido em uma localidade, podem ser associados ao turismo regional e assim contribuir para a diversificação da oferta turística, conforme propõem os princípios da regionalização.

De acordo com Sette, Valle e Coutinho (2014), no estado de Minas Gerais as políticas de regionalização, cujas entidades de governanças regionais se definem por circuitos turísticos, foram constituídas pela Secretaria de Estado de Turismo em 2001, antes mesmo das atuais diretrizes nacionais. O decreto 43.321 de 08 de maio de 2003, possui em sua concepção o reconhecimento dos circuitos turísticos, que são formados pela união de municípios que buscam desenvolver a atividade turística de forma regionalizada e compartilhada (BRASIL, 2003 apud SETTE; VALLE; COUTINHO; 2014). Ainda segundo os autores, a formação dos circuitos turísticos pode ocorrer mediante a iniciativa dos municípios de uma mesma região e com atrativos semelhantes que buscam complementar a infraestrutura turística existente entre eles.

De acordo com o MTUR, a atual gestão de regionalização desenvolvida pelos circuitos recolhe o máximo de informações possíveis dos municípios integrantes visando um planejamento estratégico dentro do contexto regional. Tais informações são coletadas por meios de inventários turísticos que levantam, identificam, registram e divulgam dados sobre a existência de infraestruturas de apoio ao turismo, atrativos, serviços e equipamentos passíveis de serem utilizados pela atividade turística; dados estes indispensáveis para que o circuito possa elaborar roteiros turísticos de acordo com a oferta regional (BRASIL, 2015b).

De modo a inovar e agilizar este processo de inventariação turística, foi lançado no ano de 2017 pela Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais - SETUR – MG, o Portal Minas Gerais, uma plataforma digital que disponibiliza aos turistas informações sobre os atrativos e equipamentos turísticos existentes, interligando dados do turismo mineiro que são alimentados pelo inventário de cada município inserido em um circuito turístico do estado (SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO DE MINAS GERAIS, 2017a).

No que se refere à inserção e atualização constante das informações referentes ao inventário da oferta turística no Portal Minas Gerais, pode-se destacar, na região de Capela Nova - MG, o circuito Trilha dos Inconfidentes e o Circuito Villas e Fazendas, ao qual o município referido pertence, o que contribui para integração da oferta turística deste com dos demais circuitos citados.

2.1. O Circuito Turístico de Villas e Fazendas de Minas

O Circuito Turístico Villas e Fazendas de Minas está localizado na região central do estado, com sede na cidade de Conselheiro Lafaiete – Minas Gerais. Em sua concepção, os municípios deste circuito possuem destaque na história do Brasil desde o período colonial com suas antigas vilas e fazendas que se ergueram em decorrência dos povoados que surgiram das expedições de bandeirantes que passavam pela região em busca de riquezas (SENAC, 2015). No circuito o turista tem a experiência de vivenciar a história mineira por meio das fazendas, igrejas, museus e de desfrutar da comida mineira preparada em fogão à lenha. Muito além da arte colonial mineira e de seus pratos típicos, os visitantes ainda podem adquirir peças artesanais e participar das festas típicas da região (SENAC, 2015).

O circuito é participante efetivo da Federação dos Circuitos Turísticos de Minas Gerais e possui em sua associação a integração de 13 municípios mineiros: Capela Nova, Caranaíba, Casa Grande, Catas Altas da Noruega, Conselheiro Lafaiete, Cristiano Ottoni, Itaverava, Lamim, Piranga, Queluzito, Rio Espera, Santana dos Montes e Senhora de Oliveira que juntamente com uma empresa hoteleira, a Carumbé Hotel, promovem o desenvolvimento do turismo a nível regional (CIRCUITO TURÍSTICO DE VILLAS E FAZENDAS DE MINAS, 2018).

Destacam-se, aqui, alguns atrativos que o circuito oferece aos visitantes: em Casa Grande encontram-se festas tradicionais como a Folia de Santo Reis; em Catas

Altas da Noruega existem casarões e igrejas setecentistas, além do artesanato em pedra sabão; Cristiano Otoni possui atrativos naturais propícios para a prática de ecoturismo; Itaverava é terra de grandes nomes da Inconfidência Mineira, como Marília Dirceu; Queluzito guarda antigos rituais religiosos em suas festividades; Rio Espera preserva fazendas antigas que eram responsáveis por abastecer garimpos da região no período de mineração, além de uma imagem de Pietá de Aleijadinho, que nessa cidade viveu por alguns anos (SENAC, 2015).

3. TURISMO DE EXPERIÊNCIA

Quando se trata das intenções e do ato de viajar para distintas regiões, é sabido que a oferta turística deve ser trabalhada de modo a despertar no turista distintas sensações ao romper sua rotina habitual e inseri-lo em um novo horizonte, permitindo-o conhecer novos contextos sociais, culturais e naturais (BENI, 2004). De acordo com o mesmo autor, para que isso aconteça, torna-se necessário a busca pela harmonização entre o que o destino tem a oferecer ao turista enquanto diferencial turístico e aquilo que o mesmo espera vivenciar, estimulando “a atenção, o olhar, o sentimento, a emoção, as sensações e as percepções para que os turistas possam experienciar o antes até então ignorado” (BENI, 2004, p. 296).

Jensen (2002 apud TONINI, 2009) disserta sobre o fato de vivermos em um mundo contemporâneo caracterizado por ser uma “sociedade do sonho” onde o produto não possui mais apenas sua função básica pela qual foi concebido. Seu consumo atual está associado ao seu valor emocional e não apenas na oportunidade de se satisfazer uma necessidade física.

Por outro lado, Trigo (2010) salienta que “[...] para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história” (p. 35). Nesse sentido, o turismo de experiência se opõe ao turismo de massa, este descrito por Zaoual (2008) como uniformizador, no sentido de oferecer um produto padronizado em larga escala com vistas ao lucro imediato. O autor ainda acrescenta que observações empíricas vêm mostrando que a demanda apresenta uma tendência de evitar cada vez mais o turismo de massa.

Para Netto e Gaeta (2010), os consumidores [turistas] contemporâneos possuem um maior grau de seletividade em relação aos bens e serviços que utilizam, o que vem ocasionando uma maior demanda de mercado pela intensificação das “experiências”, as quais, nos dias atuais, as pessoas procuram para que lhes agregue um valor perceptível, não se referindo a qualquer tipo de experiência, mas uma que beneficie positivamente o turista, que se torna protagonista de sua própria viagem. Ainda de acordo com os autores, este novo perfil de turista se difere de tempos atrás devido a seu desejo de inserção e a busca incessante por vivenciar experiências únicas.

Pezzi e Vianna (2015) reforçam este novo conceito de viajar, acrescentando que o termo mercadológico “turismo de experiência” é usado para definir uma nova forma de se desenvolver atrativos turísticos com base nas expectativas atuais, buscando-se oferecer ao turista uma experiência que vá além da contemplação passiva dos destinos visitados. Nesse sentido, os destinos turísticos teriam o desafio de se inventar ou de se reinventar a fim de atender a esta demanda.

Tal prática está diretamente relacionada às suas expectativas atuais, em que se busca vivências memoráveis em meio à interação com as comunidades locais, como pode ser exemplificado pela atividade desenvolvida por uma agência de turismo em Alto do Moura, em Caruaru-PE, que oferece ao turista a experiência de moldar a própria panela de barro mediante a orientação de um artesão, onde, mais do que conhecer e comprar o artesanato, o mesmo tem a experiência de produzir, transformando o ato em uma experiência intangível característica da cultura local (SEBRAE, 2015).

Observa-se, portanto, que a produção de artesanato permite ao turista se sentir no lugar do artesão, participar do processo de transformação da matéria-prima em produto através de uma troca de saberes, vivenciar uma relação afetiva com o destino e ainda levar o *souvenir* como lembrança, resultante de uma experiência enriquecedora. Este processo não só descreve as características do turismo de experiência destacada pelos autores citados como também expõe o potencial de agregação de valor de tal proposta às viagens.

4. ARTESANATO E RENDA

O MTUR define por atrativos culturais os elementos da cultura de um povo que, ao serem utilizados pelo turismo, podem atrair fluxos de turistas para uma determinada região. São valores materiais e imateriais produzidos pelo homem que representam a sua identidade através de seus saberes e fazeres produzidos em pequena escala, de modo manual ou pela utilização de equipamentos rudimentares (BRASIL, 2006). Ainda de acordo com o respectivo ministério, os tipos de artesanatos mais conhecidos no cenário brasileiro são aqueles elaborados em cerâmica, madeira, cestaria, tecelagem, bordados, metal, pedra, renda, couro e plumaria (BRASIL, 2006).

Segundo Lemos (2011), as atividades artesanais no Brasil são desenvolvidas por núcleos familiares com menor potencial econômico, cuja produção possui uma imensa variedade de expressões culturais. Ademais, a autora enfatiza que essa atividade tem apresentado um ritmo constante de crescimento ao longo dos anos, se caracterizando como uma alternativa econômica com grande potencial para geração de emprego e renda.

A autora supracitada também disserta sobre a escassez de oportunidades de trabalho para pessoas que não possuem alguma qualificação profissional enfatizando-se a necessidade de políticas públicas que insiram a população economicamente ativa no mercado de trabalho, o que pode vir a ocorrer por meio de alternativas já existentes,

como o artesanato. Deste modo, o incentivo à produção artesanal apontado por Lemos (2011) se instaura como um fomento a economia local que assegura a preservação cultural e proporciona a geração de empregos e renda para inúmeras famílias que encontram nesta atividade um modo de garantir a própria subsistência.

Originado pelo Decreto nº 1.508 de 31 de maio de 1995, o Programa do Artesanato Brasileiro – PAB, tem como principal objetivo “a geração de trabalho e renda e a melhoria do nível cultural, profissional, social e econômico do artesão brasileiro” (BRASIL, 2012, p. 9). Este programa possui por finalidade valorizar o artesão por meio de ações voltadas à geração de trabalho e renda, de modo a preservar as culturas locais e as vocações regionais, além de promover a capacitação empreendedora necessária para a comercialização de seus produtos artesanais (BRASIL, 2012). Dentre as principais ações desenvolvidas, destacam-se o apoio a feiras e eventos de comercialização de produtos artesanais e cursos de capacitação para os artesãos.

Em sua base conceitual, o PAB aborda os tipos de artesanatos existentes no cenário brasileiro, destacando entre eles: os trabalhos manuais, que exigem destreza e habilidades e são realizados por indivíduos que o fazem como um trabalho secundário, nos intervalos de tarefas domésticas ou como passatempo; o artesanato tradicional, que possui em sua concepção aspectos mais expressivos da cultura de um povo, sendo de caráter familiar, o que favorece a transmissão de técnicas e conhecimentos de geração para geração; e o artesanato de reciclagem, que são resultados da reutilização de matérias – primas, possuindo uma consciência ambiental benéfica à natureza (BRASIL, 2012).

De modo a evidenciar o perfil dos artesãos brasileiros, foi realizada pelo SEBRAE, no ano de 2013, uma pesquisa quantitativa em nível nacional com 1,3 mil artesãos. De acordo com os dados levantados, 77% dos artesãos são do gênero feminino; 80% possuem 40 anos ou mais e 60% destes são casados. Em relação a escolaridade, 20% possuem o ensino fundamental completo, 51% o ensino médio completo e 28% um ensino superior. Sobre a renda bruta familiar: 34 % responderam possuir até um salário mínimo, 40% de um a três salários mínimos, e 26% acima de três salários mínimos (SEBRAE, 2013).

Ainda de acordo com Sebrae (2013), 60% dos artesãos entrevistados possuíam no artesanato sua principal fonte de renda e suas principais dificuldades no desenvolvimento da atividade constituíam-se na comercialização (29%), na falta de visão de mercado (13%) e na desvalorização da atividade (13%). Nesse sentido, salienta-se que o turismo de experiência em Capela Nova - MG poderia facilitar às artesãs a divulgação e comercialização de seus trabalhos, além de proporcionar aos turistas uma experiência genuína, por exemplo, vinculada à prática da produção artesanal de tear.

5. METODOLOGIA

O presente trabalho buscou, através de uma pesquisa descritiva, diagnosticar as possibilidades e limitações existentes acerca da produção artesanal do município de Capela Nova – MG como atrativo relevante para o turismo de experiência. Segundo Sampieri (2013) os estudos descritivos buscam especificar as características e os traços importantes de qualquer fenômeno, descrevendo-se as tendências de um grupo ou população.

Quanto a abordagem, caracterizou-se como uma abordagem qualitativa. De acordo com Sampieri (2013), a pesquisa qualitativa permite a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados e, portanto, o processo e seus significados correspondem a esta forma de abordagem compatível com pesquisas descritivas.

A revisão bibliográfica permitiu conhecer melhor os conceitos de regionalização, turismo de experiência e descrever o artesanato como atrativo turístico e fonte de renda. Silva e Menezes (2005) destacam que a revisão bibliográfica resulta do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre um determinado tema e problema de pesquisa, onde o pesquisador elabora um referencial teórico que dará sustentação ao desenvolvimento de sua pesquisa. O levantamento dos dados bibliográficos existentes sobre o assunto teve como fonte de pesquisa: revistas científicas especializadas em turismo, livros de autores que abordam os assuntos acima citados, trabalhos acadêmicos realizados por autores da área e informações oficiais de órgãos governamentais.

Após o estudo bibliográfico, implementou-se ao trabalho a pesquisa de campo, que segundo Severino (2014), permite aos pesquisadores abordar o objeto de estudo com maior precisão e profundidade, ao se inserirem no meio em que os fenômenos acontecem. Para tanto, utilizou-se das técnicas de geolocalização e entrevistas estruturadas.

A geolocalização foi empregada com a finalidade de evidenciar a localização das artesãs dentro do município de Capela Nova, através de coordenadas geográficas obtidas pela navegação GPS (*Global Positioning System*). Nesta etapa, recorreu-se primeiramente aos dados disponibilizados pela SETUR-MG na plataforma digital de informações turísticas do estado, o Portal Minas Gerais. Buscando complementar os dados coletados na plataforma, prosseguiu-se com a localização das artesãs através do auxílio de dois moradores locais: uma ex-artesã e um comerciante de matérias-primas, que propiciaram o contato com outras artesãs. Desta forma, foram localizadas nove artesãs e cinco ex-artesãs entre os dias 03 e 04 de outubro do respectivo ano.

A entrevista estruturada foi aplicada às artesãs entre os dias 04 e 19 de outubro, sendo elaborada pelos autores com alternância de questões abertas e fechadas, com o intuito de identificar a realidade social das artesãs, realizar a caracterização da produção artesanal existente e a problematização acerca da possível implementação do turismo de experiência no cotidiano laboral das mesmas. O critério para o uso de tal técnica partiu da idealização de que tal ferramenta permite o levantamento de questões mais

direcionáveis e categorizáveis do universo dos sujeitos, conforme enfatizado por Severino (2014). Ademais, de modo a levantar outros dados sobre o assunto pesquisado em campo, aplicou-se também uma entrevista ao comerciante de matérias-primas.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No total foram localizadas 15 (quinze) pessoas. Dentre estas, 9 (nove) artesãs e 5 (cinco) ex-artesãs, o que evidencia os dados divulgados pelo SEBRAE (2013) de que a maioria dos artesãos brasileiros são mulheres. Destas, oito residem na sede do município e seis na comunidade rural de Palmeiras. Foi entrevistado também um fornecedor de matéria prima que as comercializa junto às artesãs. Optou-se por não publicar as coordenadas geográficas.

Tabela 1 - Localização das artesãs, ex-artesãs e do fornecedor de matéria prima entrevistados

ENTREVISTADOS	LOCALIZAÇÃO
Artesã 01	Palmeiras
Ex-Artesã 02	Palmeiras
Ex-Artesã 03	Palmeiras
Ex-Artesã 04	Palmeiras
Fornecedor de matéria prima dos Artesãos	Palmeiras
Ex-Artesã 06	Sede
Ex-Artesã 07	Sede
Artesã 08	Palmeiras
Artesã 09	Palmeiras
Artesã 10	Sede
Artesã 11	Sede
Artesã 12	Sede
Artesã 13	Sede
Artesã 14	Sede
Artesã 15	Sede

Fonte: Autores, 2018.

6.1. Perfil das artesãs capela-novenses

Das nove artesãs entrevistadas, observou-se que, em relação a composição do lar, 44% (quatro) das entrevistadas responderam morar com esposo e filho (s). Das demais, 56% (cinco) mora com os pais, somente com a mãe, somente com a filha, com o namorado e um filho e com esposo, filha e genro. A partir destes dados, deduz-se que a renda proveniente da produção de artesanato seja destinada ao sustento das famílias.

Sobre a faixa etária das artesãs, percebe-se que 34% (três) possuem idades entre 18 a 28 anos, seguido por 11% (uma) com 29 a 39 anos; 22% (duas) com 40 a 50 anos; 22% (duas) com 51 a 60 anos e 11% (uma) com mais de 61 anos. De acordo com SEBRAE (2013) a maioria dos artesãos brasileiros possui idade igual ou superior a 40 anos, o que foi confirmado pela pesquisa, onde 56% das artesãs concentram-se nesta faixa etária. Os dados encontrados também evidenciam os conceitos abordados por Brasil (2012) que enfatizam que em artesanatos tradicionais há uma transmissão de técnicas e conhecimentos de geração para geração, o que pode ser observado pelos 34% que possuem idades entre 18 a 28 anos e pelos 11% que possuem idade acima de 61 anos.

Das artesãs entrevistadas, 45% (quatro) possuem o ensino fundamental incompleto, 22% (duas) o ensino fundamental completo, 11% (uma) o ensino médio incompleto e apenas 22% (duas) concluíram o ensino médio, não possuindo nenhuma das entrevistadas uma formação superior. Os resultados encontrados em campo em relação ao grau de escolaridade das artesãs se diferem dos apresentados pelo SEBRAE (2013), uma vez que mais da metade dos entrevistados pelo órgão possuía o ensino médio completo (51%) e o menor grau de escolaridade identificado por este eram os que possuíam o ensino fundamental completo (20%).

Uma vez que Lemos (2011) reconhece a escassez de oportunidades para indivíduos com baixa escolaridade e destaca a produção artesanal como alternativa de subsistência possível para pessoas que se encontram na situação descrita, é possível que a produção artesanal seja uma forma de geração de renda situada em um contexto de oportunidades escassas, o que reforça sua importância socioeconômica em Capela Nova - MG e pode vir a justificar a necessidade de desenvolvimento do turismo como forma de fortalecimento do artesanato futuramente.

Em relação à renda, 44% (quatro) das artesãs possuem renda familiar mensal de até dois salários mínimos, seguido por 33% (três) que possuem renda de até um salário mínimo e 22% (duas) que optaram por não declarar a sua renda. Conforme SEBRAE (2013), apenas 26% dos artesãos possuem renda superior a três salários mínimos. Por outro lado, Lemos (2011) destaca que a produção artesanal vem crescendo nos últimos anos, tornando-se uma atividade econômica com grande potencial para geração de emprego e renda. Desta forma, a inserção de Capela Nova no Circuito Villas e Fazendas através do turismo de experiência com foco na produção artesanal pode vir a contribuir para o aumento da renda das artesãs.

Quando questionadas sobre a participação do artesanato em sua renda familiar, 78% (sete) declararam que o artesanato complementa a renda, mas não chega nem a metade do valor necessário para a sobrevivência da família. Das demais, 11% (uma) consegue retirar metade de seu sustento por meio da atividade e apenas 11% (uma) informou ter no artesanato sua única fonte de renda. Por outro lado, segundo SEBRAE (2013), no Brasil, 60% dos artesãos têm esta atividade como principal fonte de renda. Percebe-se que artesanato em Capela Nova é um complemento de renda para a grande maioria das artesãs entrevistadas e tem um desempenho abaixo da média brasileira no que se refere à sua participação na renda das famílias das artesãs.

A produção artesanal no município é voltada para artesanatos em tear (tecelagem) e trabalhos manuais (de renda). De acordo com os dados coletados, quatro artesãs (44%) dominam as técnicas e conhecimentos do tear e quatro (44%) dominam os saberes e habilidades da renda em crochê; destacando-se entre estas uma artesã (11%) que desenvolve as duas. Os tipos de artesanatos identificados em campo estão entre os principais existentes no cenário brasileiro conforme Brasil (2006) e vão de encontro à base conceitual do PAB (BRASIL, 2012), que caracterizam os trabalhos manuais, os artesanatos tradicionais e o artesanato de reciclagem, este último identificado na produção de uma das artesãs que reutiliza materiais recicláveis para criar e recriar objetos decorativos.

Observa-se que os artesanatos produzidos em Capela Nova se diferem dos existentes no Circuito Turístico Villas e Fazendas de Minas divulgados pelo SENAC (2015), um achado que demonstra como o município pode efetivamente beneficiar-se do turismo e contribuir significativamente para oferta turística regional com um produto diferenciado.

Sobre a possível inserção do turismo de experiência, 100% (nove) das entrevistadas acreditam que suas vendas aumentariam caso os turistas visitassem o município e conhecessem o trabalho realizado por elas. Ignarra (2003) aborda essa função que a atividade turística promove na redistribuição de renda por distintos atores sociais, ocasionado pelo deslocamento de turistas. Observa-se que uma possível inserção do turismo contribuiria não somente para o aumento da renda das artesãs, mas a todos os envolvidos com a atividade no município e na região, como os hotéis, restaurantes e demais empreendimentos destinados ao atendimento de visitantes.

Ao serem questionadas sobre suas opiniões a respeito de receber turistas em suas residências e lhes proporcionarem a experiência de interagir com a produção de seus artesanatos, 100% (nove) das entrevistadas demonstraram receptividade à ideia, com destaque para uma das artesãs que demonstrou já receber turistas. Dentro deste contexto, observa-se que o fato destas perceberem o turismo como algo positivo facilita a inserção do mesmo em seu cotidiano.

Supondo-se que o turismo se torne uma realidade no município, foi perguntado às artesãs quais as condições que as mesmas exigiriam para receber os turistas em suas residências, onde 78% (sete) apontaram o agendamento prévio como um requisito

essencial e 22% (duas) escolheram a opção “outros” por não saberem responder à pergunta ou por não exigir nenhuma condição.

Por fim, de modo a identificar possíveis atividades que as artesãs realizam além do artesanato, foi perguntado durante a entrevista se havia outros produtos que as mesmas produziam que poderiam também ser oferecidos aos turistas, onde 78% (sete) responderam não possuir nenhum e 22% (duas) responderam que sim. Dentre os produtos que poderiam ser oferecidos estão o café com quitandas caseiras (como biscoitos de polvilho, bolos, broas de fubá e amendoim, rosquinhas) e doces (de leite, de frutas, rocambolé). Segundo Brasil (2011), produtos do campo, assim como o artesanato produzido em uma localidade, podem ser associados ao turismo e assim contribuir para a diversificação da oferta turística, indo de encontro aos princípios da regionalização.

6.2. Perfil das ex-artesãs capela-novenses

Durante a localização das artesãs foi identificado um número considerável de artesãs que deixaram de realizar a atividade artesanal nos últimos anos, sendo a maior parte destas localizadas na comunidade rural de Palmeiras. Tendo em vista a importância deste dado para a possível inserção do turismo, por se tratar de uma comunidade rural com oportunidades escassas de trabalho, adaptou-se o questionário de pesquisa de modo a evidenciar os possíveis fatores que propiciaram a queda da produção artesanal no município.

De acordo com os dados encontrados, 100% (cinco) das ex-artesãs são do gênero feminino; 60% (três) possuem idade igual ou superior a 40 anos; 60% (três) possuem apenas o ensino fundamental incompleto e 80% (quatro) destas possuem renda familiar de até 2 salários mínimos. Os resultados socioeconômicos são similares aos das artesãs entrevistadas.

Em relação à produção artesanal, todas as cinco ex-artesãs desenvolviam a tecelagem, com distinção de uma delas que também elaborava artesanatos em crochê. Quando questionadas sobre os motivos pelos quais deixaram de produzir seus artesanatos, 100% (cinco) destas foram unânimes em relatar que a causa principal foi a ausência de lucro em suas vendas, ocasionado pela desvalorização de produtos tradicionais e do alto preço de suas matérias-primas. Convergente a este fato, o SEBRAE (2013) destaca que 29% dos artesãos brasileiros possuem na comercialização sua principal dificuldade. Nesse contexto, destacam-se novamente as características distributivas de renda possibilitadas pelo deslocamento de turistas descritos por Ignarra (2003), uma vez que estes se somam ao mercado consumidor nos locais que visitam.

Ao serem questionadas sobre o possível retorno à produção artesanal, caso o turismo se tornasse uma realidade no município, 60% (três) das entrevistadas relataram que voltariam a desenvolver a atividade dissertando que o turismo poderia gerar mais renda, além de valorizar uma tradição antiga do município. Das demais, 40% (duas) das que responderam “não” declararam que, aliado a questões econômicas, outro fator que

propiciou o abandono da atividade foram os problemas de saúde como dores na coluna e varizes, oriundos da mesma.

Sobre a possibilidade de oferecer outros produtos aos turistas, 60% (três) responderam poder oferecer algum produto e 40% (duas) responderam que não. Dentre os produtos destacam-se a oferta de comida caseira em fogão a lenha, doces, frutas e quitandas. Percebe-se aqui que outros municípios mesmo não produzindo o artesanato podem se beneficiar do turismo por meio de outros produtos locais.

7.4 Limitações percebidas pelo fornecedor de matéria-prima

Segundo o mesmo, há mais de 25 anos vende linhas e urde tranças de tear para as artesãs de Palmeiras. De acordo com o entrevistado, os motivos que propiciaram o declínio da atividade foram a desvalorização dos produtos artesanais e a falta de pessoas para comprá-los. O mesmo acrescentou que o número de artesãs na comunidade reduziu-se a menos da metade em relação a anos anteriores, existindo menos de 20 artesãs nos dias atuais.

Observa-se, através de seus relatos, que a ausência de compradores e a desvalorização dos produtos artesanais têm gerado o declínio da produção no município, conforme percebido pelas cinco ex-artesãs localizadas durante a pesquisa. Todavia, a maioria destas artesãs voltaria a exercer a atividade, caso o turismo se tornasse uma realidade no município. Deste modo, percebe-se que o incentivo à produção artesanal, que pode vir a ser proporcionado pela inserção do turismo, se constitui em uma alternativa econômica que pode assegurar a preservação da cultura local e a promoção de emprego e renda, conforme mencionado por Lemos (2011).

Ao término da entrevista foi questionado se o entrevistado acreditava que o turismo poderia promover o aumento das vendas das artesãs onde o mesmo respondeu que não, acrescentando que os preços que muitos compradores querem oferecer aos produtos estão muito abaixo do preço de custo para fazê-los, tornando a produção dos mesmos inviáveis para as artesãs locais. Salienta-se que o turismo a partir da oferta de experiências de produção e comercialização do artesanato junto aos visitantes poderia gerar um número maior de compradores no município, o que conseqüentemente, poderia resultar no aumento dos preços do artesanato.

Segundo o Sebrae (2013), 13% dos artesãos brasileiros possuem a visão de mercado como sua segunda maior dificuldade no momento de comercializar seus produtos. Situações como essa podem ser facilmente contornadas por ações como as do PAB (BRASIL, 2012), que possui como um de seus objetivos principais promover uma capacitação empreendedora necessária aos artesãos. Por outro lado, podem-se preparar as artesãs para atuar no turismo ao realizarem-se ações de sensibilização e envolvimento da comunidade, noções de hospitalidade, conscientização sobre a riqueza e peculiaridade de seus produtos, cursos de empreendedorismo, entre outras.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos abordados neste trabalho permitiram perceber como o Turismo de Experiência, uma vez capaz de atender a turistas que desejam uma maior inserção no destino escolhido, associado à Regionalização do Turismo em Minas Gerais, operacionalizada através dos Circuitos Turísticos, é capaz de desenvolver o potencial turístico de destinos turísticos de menor porte, como Capela Nova - MG. Nesta perspectiva, identificaram-se as possibilidades e limitações existentes por meio da localização das artesãs e da aplicação de entrevistas.

A localização geográfica das artesãs permitiu verificar as condições de acesso às mesmas, evidenciando-se a proximidade destas com as cidades de Caranaíba e Rio Espera, o que possibilita a elaboração de roteiros que incluam as mesmas em atividades turísticas já desenvolvidas pelo Circuito Turístico Villas e Fazendas na região.

A respeito das limitações, conclui-se que as informações encontradas não podem ser entendidas como tais, visto que o levantamento de informações faz parte do planejamento turístico. Por outro lado, observou-se um contexto em que a renda financeira a partir do artesanato poderia ser maior, visto que a maioria absoluta (89%) não consegue obter mais que a metade da renda familiar através do artesanato.

A baixa escolaridade das mesmas indica a necessidade de que o poder público apoie, através de uma política municipal de turismo, a inserção de novas atividades econômicas no município a fim de incrementar a renda dos cidadãos, o que poderia ser desenvolvido através do turismo de experiência com foco na produção artesanal.

Verificou-se que a maioria das artesãs possui o artesanato como atividade complementar à renda e que a ausência de compradores e retorno financeiro ocasionou uma redução do número de artesãs em atividade nos últimos anos, uma situação que pode ser contornada pela implantação do turismo, que pode promover não somente a visibilidade destas, mas também o retorno de algumas ex-artesãs ao ofício, o que poderia também contribuir para o resgate do artesanato enquanto patrimônio cultural.

Entre as potencialidades identificadas destaca-se a implantação do turismo de experiência no cotidiano das artesãs. Todas consideram o mesmo como benéfico para o aumento de suas vendas, demonstrando receptividade à ideia de proporcionar aos turistas um contato mais próximo com os seus trabalhos.

Destaca-se que os produtos capela-novenses, no que tange aos elaborados em tear, se diferem dos já existentes no Circuito, conforme divulgado pelo SENAC (2015), o que contribui para a diversidade da oferta turística regional. Considera-se esta descoberta uma potencialidade.

Podem-se oferecer também frutas, doces, quitandas caseiras e até mesmo refeições tipicamente mineiras preparadas em fogão a lenha. Apesar de apenas cinco entrevistadas terem se interessado por tal oferta, sugere-se projetos de qualificação nesta área para ampliar o número de interessadas. A gastronomia é um elemento complementar importante, uma vez que permite uma permanência do turista por um tempo maior em roteiros de um dia, por exemplo, o que não só agrega valor à

experiência como também permite às comunidades receptoras ampliar seus ganhos financeiros.

Com base nestes dados, observa-se que a produção artesanal capela-novense pode somar-se ao produto turístico regional nos moldes do turismo de experiência. Sugere-se estudos mais aprofundados da oferta e da demanda turística que visita a região, além da elaboração e implantação de um plano municipal de turismo que contemple o artesanato. Posteriormente, um roteiro teste poderá ser iniciado com visitas guiadas a fim de promover o turismo de experiência com foco no artesanato e um café colonial enquanto as artesãs relatam suas histórias, “causos” e curiosidades sobre suas tradições aos visitantes.

Entre as dificuldades encontradas para a execução deste trabalho destaca-se os poucos dados encontrados sobre a existência das artesãs, reflexo possível de uma inventariação falha da oferta turística. Por outro lado, diante das potencialidades identificadas, sugere-se à Prefeitura Municipal, ao Circuito Villas e Fazenda de Minas e às artesãs, uma vez organizadas em algum tipo de base associativa, dar início à elaboração de um plano de desenvolvimento de uma experiência a ser oferecida aos futuros turistas com base na produção artesanal e gastronômica local. Neste caso, sugere-se futuramente ampliar esta pesquisa a um número maior de artesãs que eventualmente possam não ter sido entrevistadas em função de dificuldade na localização das mesmas.

8. REFERÊNCIAS

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do turismo: conceituação e organização**. V. 1. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Turismo: da economia de serviço à economia da experiência**. Revista Turismo – Visão e Ação, Itajaí, SC, v. 6, n. 3, set./dez. 2004. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1063>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

BRASIL. Ministério do turismo. **Projeto inventário da oferta turística: Manual do pesquisador módulo C**. Brasília: Ministério do turismo, 2006. Disponível em: <http://www.inventario.turismo.gov.br/invtur/downloads/formularios/manual_c.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Introdução a regionalização do turismo**. Brasília: Ministério do turismo, 2007. Disponível em: <http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/introducao_turismo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Associação de Cultura Gerais. **Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada**. Brasília: Ministério do Turismo, 2011. Disponível em: <www.turismo.gov.br/images/Manual_de_Producao_Associada_ao_Turismo.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2012. Disponível em: <<http://www.obecdf.org/index.php/component/k2/item/35baseconceitualartesanatobrasil>>. Acesso em 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério do turismo. **Inventário da Oferta Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/acesso-a-informacao/63-acoes-e-programas/4883-inventario-da-oferta-turistica.html>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Cidades**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/capela-nova/panorama>>. Acesso em 27 set. 2018.

CAPELA NOVA. Prefeitura Municipal de Capela Nova. **História e memória do município de Capela Nova**. Capela Nova: Conselho municipal do patrimônio histórico e cultural de Capela Nova, 2015.

CAPELA NOVA. Prefeitura Municipal de Capela Nova. **História de Capela Nova**. Capela Nova, MG, 25 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.capelanova.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-de-capela-nova/6159>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CIRCUITO TURÍSTICO DE VILLAS E FAZENDAS DE MINAS. **O circuito e seus municípios**. Conselheiro Lafaiete: Associação dos municípios do circuito turístico villas e fazendas de minas, 2018. Disponível em: <<https://www.villasefazendas.com.br/o-circuito-e-seus-municipios>>. Acesso em: 23 set. 2018.

DREHER, Marialva Tomio; SALINI, Talita Sheila. **Regionalização e Políticas Públicas no Turismo: Proposta Bem (In)tencionada Distante da Práxis!**. V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - SeminTUR, Caxias do Sul, RS, jun. 2008. Disponível

em:<https://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt07-11.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

FONSECA, Leonardo Francisco Pereira. **Área de proteção ambiental (APA) do Baependi em Capela Nova (MG): A participação socioambiental**. Monografia (Graduação em Geografia e Meio Ambiente) - Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), p. 34. 2012. Disponível em: < <http://www.unipac.br/site/bb/tcc/tcc-72cf0f25605c962d6712778a101ad9e3.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 2ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda subsídios para avaliação do programa estadual de desenvolvimento do artesanato no município de Aquiraz-CE**. Dissertação (Mestrado em avaliação de políticas públicas) – Universidade Lusófona de Ceará, p. 111. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1484/1/2011_Dis_MESLemos.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

NETTO, Alexandre Panosso; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

PEZZI, Eduardo; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves. **A experiência turística e o turismo de experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável**. Revista turismo em análise, São Paulo, SP, v. 26, n. 1, edição especial, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/89169/99437>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SAMPIERI, Roberto Henández et al. **Metodologia de pesquisa**. 5.ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **O artesanão brasileiro**, Brasília, DF, 2013. Disponível em: < <http://datasebrae.com.br/artesanato/>>. Acesso em: 28 out. 2018.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Turismo de Experiência**, Recife, PE, 2015. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/tturismo_de_experiencia.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO DE MINAS GERAIS. **Setur lança novo portal para turismo**. Belo Horizonte: Secretaria de estado de turismo de minas gerais, 2017a. Disponível em: <<http://www.turismo.mg.gov.br/noticias/2130-governo-de-minas-gerais-lanca-novo-portal-para-turismo>>. Acesso em: 18 out. 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO DE MINAS GERAIS. **Preenchimento da georreferência nos formulários do módulo de inventário do portal minas gerais.**

Belo Horizonte: Secretaria de estado de turismo de minas gerais, 2017b. Disponível em: <http://www.turismo.mg.gov.br/images/stories/circuitos/geolocalizacao.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

SENAC. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. **Villas e fazendas de minas.** Minas Gerais, 2015. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/CircuitoDetalhe.aspx?cod_circuito=99. Acesso em: 22 set. 2018.

SETTE, Isabela Rosa; VALLE, Maria Izabel Marques do; COUTINHO, Marcela Pimenta Campos. **O Programa de Regionalização do Turismo de Minas Gerais: uma abordagem da política pública estadual de turismo.** Revista turismo em análise, São Paulo, SP, v. 25, n. 3, dez.2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/89484/92334A>. Acesso em: 18 abr. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis, SC, 2005. Disponível em: https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

TONINI, Hernanda. **Economia da experiência: o consumo de emoções na “região uva e vinho”.** Revista brasileira de pesquisa em turismo, São Paulo, SP, v. 3, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/138>. Acesso em: 27 abr. 2018.

ZAOUAL, H. Do Turismo de Massa ao Turismo Situado: quais as transições? Caderno Virtual de Turismo, vol.8 Nº 2, 2008.

Tourism of Experience and crafts: a study about artisanal production in Capela Nova – MG.

Abstract

This article aimed to identify the existing possibilities and limitations regarding the existing crafts production in the town of Capela Nova – MG, from the analysis of the local crafts production as a possible touristic resource capable of aggregating value to the regional offer. In order to achieve this goal, a descriptive and qualitative research was done. Structured interviews also occurred. Given the importance of the subject and based on the number of artisans who stopped producing their handcrafted products, interviews with the former artisans and a local raw material merchant were also performed. Among the information that was gathered, opportunities regarding the crafts production using looms, which are unique in the region of Circuito turístico Villas e Fazendas de Minas, as well as the receptiveness showed by the artisans in offering tourism of experience in the future. They acknowledge in it a possibility of raising their sales and the continuation of their activities. Among the limitations, the low schooling level and low income were identified, which suggests the necessity of greater support from the local government to develop tourism.

Keywords: *Tourism of experience. Tourism regionalization. Crafts. Income.*

Artigo recebido em 14/11/2019. Artigo aceito em 04/05/2020.